

# JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

O Algoritmo dos Outros Somos Nós:  
a evolução da edição da notícia na tv

Ricardo Abravanel, Digital Broadcast Grad. BCIT Canadá

Sonia Regina S. da Cunha, Ph.D. Cand. PPGCOM USP Brasil

Resumo: Este artigo é parte de uma investigação em desenvolvimento e apresenta um recorte sobre a evolução da edição telejornalística. Através de análise documental e bibliográfica o estudo apresenta as atuais estratégias para produção de notícias através das novas tecnologias; bem como registra e analisa a evolução histórica do processo de edição telejornalística, quanto ao formato e dinâmica de trabalho. Os resultados da análise permitem considerar que o avanço tecnológico acelerou o processo de produção e edição do jornalismo televisivo. A prática evoluiu do sistema químico (película) para o matemático (binário/algoritmo), ou seja, do linear para o não linear, do físico para o virtual. A análise qualitativa do *corpus* revela que a cada dia, a escrita linear produzida pelo intelectual humano, a consciência política, está sendo suplantada pela visão cênica, acelerada, das sucessivas imagens técnicas.

Palavras-chave: Telejornalismo. Edição de Notícias. Algoritmo.

## Introdução

A adoção da TV Digital no Brasil (Lei 5820/2006) alterou a forma de produzir e assistir programas televisivos. Na produção e edição jornalística novas tecnologias invadem o mercado, como por exemplo, o software “Shred Vídeo” (<http://shredvideo.com>), que está sendo utilizado para edição de matérias de esportes, a partir de arquivos de fotos e vídeos. O algoritmo identifica os registros de data, hora, padrão de aceleração de cada cena, e edita um vídeo com o material.

## Metodologia

A proposta investigativa deste estudo foi aplicada empiricamente em um *corpus* do domínio das Ciências Sociais Aplicadas, representado por 25 documentos (artigos científicos, dissertações, teses, literatura cinzenta) e complementado por referências bibliográficas. A análise de conteúdo aliada aos métodos de investigação documental e bibliográfica permitiram identificar a evolução da edição telejornalística. (SÁ-

## JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

SILVA et al, 2009). Em síntese, podemos considerar que a edição da videoreportagem passou da montagem das longas tomadas feitas no local dos eventos, ou seja, do corte manual da película, para a edição automatizada da fita magnética na máquina, e, finalmente, para a edição de vídeo, no formato de dados, no computador. Ocorreu uma aceleração do processo, através da passagem do conteúdo audiovisual do sistema químico (película) para o matemático (binário/algoritmo), do físico para o virtual, do linear para o não linear. O menor tamanho e o peso mais leve dos equipamentos de captação e gravação audiovisual digital permitem gravar e regravar as cenas dos acontecimentos, quantas vezes necessárias, e em menor tempo.

A análise investigativa também detectou mudanças no comportamento do consumidor. A informação, na era das mídias digitais de função pós-massiva, pode ser obtida através das novas tecnologias, e entre elas podemos citar: 1) “chatbots”: um robô que ‘conversa’ sobre notícias. 2) “wearables”: acessório eletrônico que pode ser vestido/calçado e que possibilita conexão com a internet (ubiquidade, internet das coisas). 3) “LV - live video”: vídeo ao vivo; e 4) “VR - virtual reality”: realidade virtual. 41%, de um grupo de mil entrevistados, (Wibbitz, 2016), escolheram o ‘vídeo ao vivo’ como o meio mais fácil e confiável para se manter informado, em especial quando os vídeos noticiosos estão disponíveis através das redes sociais (Facebook, p.ex.) das emissoras de TV.

As imagens técnicas produzidas pela câmera fotográfica, celular, drone e/ou software de edição de vídeo ganharam primazia no cotidiano do mundo da vida, em especial no jornalismo como produtora de verdades (simbólica); e quanto mais rápida for produzida uma nova imagem técnica, mais rapidamente ela poderá ser vista e consumida por milhares de pessoas, ao mesmo tempo, através da internet. Assim, toda realidade está na imagem, e a cada nova imagem, uma nova realidade simbólica do mundo.

# JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

Quadro 1. A edição telejornalística sob o olhar da ciência (Abravanel & Cunha, 2016)

Autor	Metodologia	Resultados	Legado
<p>1. Gaye TUCHMAN, socióloga (EUA)</p> <p>‘Making news: a study in the construction of reality’ (1978)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- controlar o processo de trabalho humano (início da automação);</li> <li>- implantar rotinas de tarefas;</li> <li>- controlar a produtividade; e</li> <li>- aumentar os lucros dos donos.</li> </ul> <p>“A extrema urgência é a essência da notícia.” (TCHUMAN, 1973)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Jornalista não tem rotina;</li> <li>- o material de trabalho se divide em “hard news” vs “soft news”;</li> <li>- não há controle sobre o inesperado (desastres, incêndios).</li> </ul>	<p>Classificação proposta por TUCHMAN (1973) para serem utilizadas pelas empresas de comunicação para os eventos-como-notícias:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “hard news;</li> <li>- soft news;</li> <li>- spot news;</li> <li>- developing news; e</li> <li>- continuing news.”</li> </ul>
<p>2. Richard SCHAEFER, jornalista e professor da Universidade Novo México (EUA)</p> <p>“A longitudinal analysis of network news editing strategies”(2006)</p>	<p>Desenvolver uma ‘Análise de Conteúdo’ das edições telejornalísticas (EUA) através de 4 variáveis de estilos de edição:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- média de duração em segundos de cada tomada;</li> <li>- uso de corte seco ou efeito especial;</li> <li>- áudio e vídeo; e</li> <li>- continuidade / montagem.</li> </ul>	<p>(1970) Edição de imagens no formato “montagem contínua”, gravação contínua e realística, (herança da indústria cinematográfica)</p> <p>(2000) Edição no formato “montagem sintética”, cenas mais curtas, mais som ambiente, efeitos computadorizados e aceleração do ritmo de trabalho.</p>	<p>Metodologia utilizada adaptada do cinema e suportada pela semiótica de Peirce (ícones e índices).</p>
<p>3. Keren Esther HENDERSON</p> <p>(Tese de Mestrado, EUA)</p>	<p>Entrevistar 4 editores de emissoras de TV (local) Denver (EUA)</p> <p>Analisar 34 reportagens editadas e escolhidas por eles (metade “hard news” e metade “soft news”)</p>	<p>A rotina da edição acontecia dentro de um processo dicotômico:</p> <p>“hard news” vs “soft news”;</p> <p>ou</p> <p>“narrative editing” vs “eye-candy editing”.</p> <p>Em outras palavras importante vs interessante.</p>	<p>Em um bloco do telejornal o telespectador pode ver uma narrativa noticiosa exibida ‘nua e crua’, e em outro, uma narrativa bem editada/maquiada, sem conteúdo informativo, para ser apreciada pelos pares (outros editores), muito mais do que pela audiência.</p>

# JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

## Discussão (Investigação em Desenvolvimento)

O que mudou hoje, é que a automação não copia só os membros do corpo, a evolução tecnológica recria o processo de operação das redes neuronais da mente humana. Os algoritmos são capazes de executar as funções necessárias para solucionar um problema, ou obter uma resposta, num átimo de segundo. Poderíamos entretanto, ressaltar que os algoritmos também são escritos por humanos. Afinal foi um humano no sec. IX, al-Khwarizmi, que criou o termo algoritmo. Mas, a dificuldade com os algoritmos é que a codificação padroniza e o jornalista não consegue mudar a programação, ou seja, para modificar ou criar algo novo é preciso recorrer ao (des) programador. Assim, há que se considerar a necessidade do capital intelectual humano para a melhoria da qualidade do conteúdo textual jornalístico na televisão. Independente do avanço tecnológico, das estratégias de gestão das empresas de comunicação para captação de recursos financeiros, é primordial reforçar as bases estruturantes de uma educação superior que capacite intelectualmente os jornalistas para uma escrita linear conscientemente política e crítica sobre o humano e a natureza, e a interação entre ambos no mundo da vida, com ou sem tecnologia.

## Referências

- BRASIL *Dispõe sobre a implantação do SBTVD-T*. Dec. 5.820 29 junho 2006. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5820.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5820.htm)> Acesso em 10 ago 2016
- HENDERSON, K. *News narratives and television news editing*. Dissertação de Mestrado. The Manship School of Mass Communication. Louisiana, EUA.2007. Disponível em: <[http://etd.lsu.edu/docs/available/etd-07062007-112342/unrestricted/Henderson\\_thesis.pdf](http://etd.lsu.edu/docs/available/etd-07062007-112342/unrestricted/Henderson_thesis.pdf)> Acesso em: 20 mar 2016
- SÁ-SILVA et al. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. In: *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. Ano I - Número I - Julho de 2009.
- SCHAEFER, R. J. A longitudinal analysis of network news editing strategies from 1969 to 1997. In: *Proceedings of 2001 AEJMC*. Washington, DC. 2001.
- TUCHMAN, Gaye Making News by Doing Work: Routinizing the Unexpected. In: *American Journal of Sociology*, Vol. 79, No. 1 (Jul., 1973), pp. 110-131, Chicago: The University of Chicago Press. (1973) Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2776714>> Acesso em: 20 jul 2016
- WIBBITZ. Perception of New Media Technologies. In: *Wibbitz Research Hub*. Consumer Report. Live Video, Chatbots, Wearables & VR. Investing in the future of news technologies. 2016 Disponível em: <<http://wibbitz.com>> Acesso em 25 set 2016